

A obra sacerdotal de Cristo continua na Igreja por meio da Liturgia das Horas: O batizado, sacerdote da oração sálmica

*Christ's priestly work continues in the Church
through the Liturgy of the Hours:
The baptized, priest of the psalmic prayer*

Eufrázio Luiz Morais da Silva

Resumo

Ao contemplar a vida de Jesus, cuja “atividade cotidiana está muito ligada à oração (...) até o fim da sua vida, já próximo da Paixão na última ceia, em sua agonia e na cruz, o divino Mestre nos ensina que a oração foi sempre a alma de seu ministério messiânico e do termo pascal de sua vida”.¹ O presente artigo tem como objetivo mostrar a Igreja, esposa que não cessa de entoar os cânticos que brotam do seu coração, como continuadora da obra redentora do seu esposo por meio da oração dos salmos. “Nela, Cristo está presente quando a assembleia está reunida, quando é proclamada a Palavra de Deus e quando a Igreja ora e salmodia”.² Dessa maneira, a Igreja, corpo sacerdotal de Cristo, à luz dos poemas orantes, gradativamente vai tomando consciência da sua missão. Por meio dela, “Cristo exerce a obra de redenção e perfeita glorificação de Deus no Espírito Santo”.³ Por isso, a obra redentora de Cristo efetua-se em cada batizado que reza a Liturgia das Horas, bem como na sua santificação e vocação de sacerdote da oração sálmica.

Palavras-chaves: Liturgia das Horas. Espiritualidade Litúrgica. Sacerdócio Batismal.

¹ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 4.

² SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 7.

³ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 13.

Abstract

By contemplating the life of Jesus, whose “The work of each day was closely bound up with his prayer (...) To the very end of his life, as his passion was approaching, at the last supper, in the agony in the garden, and on the cross, the divine teacher showed that prayer was the soul of his Messianic ministry and paschal death”. The Church as a wife who doesn’t cease to chant the songs that spring from her heart, continues her husband’s redemptive work through the prayer of the psalms. “There Christ himself is present - in the gathered community, in the proclamation of God’s word, “in the prayer and song of the Church’.” In this way, the Church, the priestly body of Christ, in the light of the praying poems, progressively becomes aware of her mission. Through it, “In the Holy Spirit Christ carries out through the Church ‘the task of redeeming humanity and giving perfect glory to God’”. For this reason, Christ’s redemptive work is carried out in every baptized person who prays the Liturgy of the Hours, as well as his sanctification and vocation as a priest of the psalmic prayer.

Keywords: Liturgy of the Hours. Spirituality Liturgical. Baptismal Priesthood.

Introdução

Na constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, especificamente no texto que trata sobre o tema da natureza da liturgia, constata-se que a obra da salvação de Cristo continua na Igreja por meio da liturgia.⁴ Para realizar tão excelsa obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas, dentre as quais destacamos em nosso artigo a oração da Liturgia das Horas.⁵

Nessa oração,

O sacerdócio de Cristo é também participado por todo o Corpo da Igreja, onde os batizados, mediante a regeneração e a unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo; e, desta maneira, pela unção batismal, tornam-se habilitados para exercer o culto da Nova Aliança, culto proveniente, não das nossas forças, mas dos méritos e dom de Cristo.⁶

⁴ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 5.

⁵ SC 7.

⁶ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 7.

A oração sálmica, segundo o Papa Paulo VI, na Carta Apostólica *Laudis Canticum*, “exprime com clareza e confirma com eficácia a verdade suprema inerente à vida cristã”. Além disso, propõe a oração do saltério a todos os batizados, mesmo aos que a ela não estão legalmente obrigados,⁷ a fim de que reconheçam em tal oração, o “remédio curativo” da fraqueza humana que, “ferida pelo amor de si própria, é curada na medida do amor com que a mente acompanha a voz de quem salmodia”.⁸ Afinal, conforme diz C. Di Sante, “a oração é como a vida: de um lado é sempre idêntica, mas de outro, é sempre nova”.⁹ Tal novidade da oração podemos “saboreá-la” cada vez que rezamos os poemas orantes à luz da leitura cristológica.

1. A Liturgia como exercício do *múnus* sacerdotal de Cristo

Anterior ao Concílio Vaticano II, a Encíclica *Mediator Dei* apresenta a definição de liturgia como “o culto público que o nosso Redentor rende ao Pai como Cabeça da Igreja, e é o culto que a sociedade dos fiéis rende à sua Cabeça, e, por meio dela, ao Eterno Pai. É, em uma palavra, o culto integral do corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, da Cabeça e de seus membros”.¹⁰ Além disso, afirma que o seu fundamento é o sacerdócio de Cristo e que tal sacerdócio, iniciado em seu corpo mortal com suas preces e seu sacrifício, não teve fim; ao contrário, a sublime obra de redenção continua sendo perpetuada pelo seu Corpo Místico que é a Igreja.¹¹

Segundo J. Castellano, essa definição foi considerada incompleta por alguns autores, sobretudo por C. Vagaggini. O motivo de tal incompletude sobre a definição de liturgia na Encíclica acima citada, se dá pelo fato de acentuar o aspecto de culto, essencial para a liturgia; no entanto, o conceito de santificação, à qual se visam todos os sacramentos, parece ser esquecido.¹² Por isso, a *Sacrossanctum Concilium* considera a liturgia como função sacerdotal de Cristo e que nela, os sinais sensíveis significam e cada um, a seu modo, opera a santificação dos homens.¹³

⁷ LC, tema que trata da relação entre a oração da Igreja e a oração pessoal.

⁸ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 108.

⁹ DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 150.

¹⁰ MD 17.

¹¹ MD 2.

¹² CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 39.

¹³ SC 7.

No diálogo da salvação entre Deus e sua criatura, J. Castellano destaca que a santificação é o seu primeiro passo, cuja iniciativa é sempre divina por meio de palavra e gestos. O culto, por sua vez, dentro desse diálogo de salvação, é a resposta que a criatura oferece ao Pai com expressões de sentimentos filiais que lhe são próprios: fé, esperança, amor, adoração, ação de graças, arrependimento, louvor, intercessão, realização concreta do desígnio de Deus para a salvação do mundo. J. Castellano ainda sublinha que “ambos os aspectos estão intimamente conectados, pois, não poderemos prestar a Deus o culto agradável se antes não tivermos sido santificados (prevenidos na revelação e na graça) por ele”.¹⁴

J. L. Martín recorda-nos, à luz da Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium*, que a liturgia é um elemento essencial na vida da Igreja e que determina a situação presente do povo de Deus.¹⁵ Isso porque, cientes de que “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), e “havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos por meio dos profetas” (Hb1,1), a plenitude dos tempos inaugurada pela encarnação do verbo, Cristo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a fim de anunciar a boa nova aos pobres e curar os contritos de coração (Is 61,1; Lc 4,18) é, na verdade, mediador entre Deus e os homens. Aquilo que em Cristo e por Cristo se deu como perfeito cumprimento para a nossa reconciliação com o Pai, agora é comunicado aos homens em plenitude através do culto divino.¹⁶

Por isso, a liturgia é definida como exercício da função sacerdotal de Cristo.¹⁷ Mas o que significa afirmar “a liturgia como exercício do *mínus* sacerdotal de Cristo”? Segundo F. Escobar, alguns traços do sacerdócio original e único de Jesus são essenciais. F. Escobar afirma que todos os povos traziam consigo pessoas e classes que desempenhavam funções sacerdotais. No entanto, apenas Israel foi considerado como um povo que exercia um verdadeiro sacerdócio em razão de sua eleição da parte de Deus que escolheu os hebreus como “propriedade peculiar dentre os demais povos e um reino de sacerdotes, uma nação santa” (Ex 19,6). Posteriormente, os levitas e descendentes de Aarão foram designados para exercer essa função de mediação cúltrica, assim como a oferta dos sacrifícios quando o culto em Jerusalém já estava organizado.¹⁸

No Concílio de Éfeso foi ratificado, à luz das Sagradas Escrituras, que o sacerdócio de Cristo é o único que não há comparação na história: “A divina

¹⁴ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 42.

¹⁵ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 94.

¹⁶ SC 5.

¹⁷ SC 7.

¹⁸ CELAM, Manual de Liturgia Volume II, p. 36.

Escritura diz que o Cristo se fez apóstolo e sacerdote da fé que nós professamos (Hb 3,1) e se ofereceu por nós em odor de sua divindade ao Pai (Ef 5,2)”¹⁹.

Na carta aos Hebreus encontramos uma teologia sacerdotal muito patente. A fim de mostrar a superioridade do sacerdócio de Cristo, o autor sagrado dessa carta se apoia na oração sálmica. Conhecendo bem os seus destinatários, que respiram os salmos como a oração de Israel, em sua homilia sobre o sacerdócio de Cristo, o autor sagrado cita o Sl 2,7 e o Sl 110,4:

Porquanto todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. É capaz de ter compreensão por aqueles que ignoram e erram, porque ele mesmo está cercado de fraqueza. Pelo que deve oferecer sacrifícios tanto pelos pecados do povo quanto pelos seus próprios. Ninguém, pois, se atribua esta honra, senão o que foi chamado por Deus, como Aarão! Deste modo, também Cristo não se atribui a glória de tornar-se sumo sacerdote, Ele, porém, a recebeu daquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei. Conforme diz ainda, em outra passagem: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec. É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento; e, levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna, tendo recebido de Deus o título de sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec (Hb 5,1-10).

Ainda citando o Sl 110,4, para ilustrar que o sacerdócio de Cristo é mais agradável a Deus e mais favorável aos homens em relação ao sacerdócio levítico, o autor diz:

Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros tornaram-se sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento daquele que lhe disse: O Senhor jurou e não voltará atrás: tu és sacerdote para sempre. Por essa razão, Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor. Além disso, os sacerdotes da antiga aliança sucediam-se em grande número, porque a morte os impedia de permanecer. Cristo, porém, uma vez que permanece para a eternidade, possui um sacerdócio que não muda. Por isso ele é capaz de salvar para sempre aqueles que, por seu

¹⁹ DH 261.

intermédio, se aproximam de Deus. Ele está sempre vivo para interceder por eles (Hb 7,20-25).

Em Hb 9,1-27, o sacrifício realizado pelo sacerdócio de Cristo comparado com os sacrifícios da Antiga Aliança é muito mais majestoso; afinal, no lugar de vítimas irracionais, Cristo ofereceu um sacrifício espiritual que consiste na oblação de si mesmo ao Pai como vítima de expiação dos pecados de todo o gênero humano. Além de constatar a incapacidade da salvação pela Lei e mostrar a ineficácia dos sacrifícios antigos, o autor da carta aos Hebreus cita o Sl 40,7-9 para justificar a capital importância da encarnação do Verbo.

Por isso, ao entrar no mundo, ele afirmou: ‘Tu não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste-me um corpo. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Por isso eu disse: Eis que eu venho. No livro está escrito a meu respeito: Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade’. (Hb 10,5-7).

Segundo V. G. Finelon, a encarnação do Verbo não tem outra finalidade senão “orientar o homem para oferecer a Deus aquilo que é verdadeiramente possível de ser ofertado: o amor”.²⁰ O referido autor continua:

Deus assumiu a carne humana não para prestar sacrifícios de expiação, de súplica e de louvor através das práticas culturais pagãs e judaicas. Ele se encarnou para revelar o sentido destes ritos antigos e para cumpri-los, de tal forma, que a vida inteira do Deus-homem se tornou um sacrifício expiatório e propiciatório aos homens e laudatório ao Pai. Em Cristo, culto e vida se tonam uma só realidade, de tal forma que o culto crístico não era só aquele prestado no templo de Jerusalém, na sinagoga e na sua oração pessoal, mas sim todas as manifestações de sua vida. O sacrifício de Cristo é a entrega livre e amorosa da sua própria vontade, obedecendo em tudo aquilo que é a manifestação do plano salvífico e amoroso do Pai.²¹

O sacerdócio de Cristo identifica-se com o motivo de sua encarnação, pois ele não é uma característica outorgada por Deus ao seu Filho de forma accidental; ao contrário, a vocação sacerdotal é constitutivo essencial do Verbo encarnado. Por esta razão, conforme apresenta F. Escobar: “Cristo é sacerdote

²⁰ FINELON, V. G., Teologia do Mistério, p. 78.

²¹ FINELON, V. G., Teologia do Mistério, p. 79.

por natureza, ou seja, mediador pela encarnação, sacrificador pela redenção e intercessor por sua glorificação”.²²

Dessa maneira, a liturgia pode ser definida como a função santificadora e cultural da Igreja, esposa e corpo sacerdotal de Cristo que continua, no *chronos*, a obra do Verbo encarnado por meio de sinais que o “presentificam” até o seu retorno glorioso.²³

2. A obra sacerdotal de Cristo continua na Igreja por meio da Liturgia das Horas

2.1. A Igreja continua a oração de Cristo

Ao falar sobre a continuação da obra sacerdotal de Cristo por meio da Igreja, a Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium* reafirma que o Cristo, apóstolo do Pai, enviou os apóstolos cheios do Espírito Santo para que, além de pregar o Evangelho, continuassem a realização da obra da salvação por intermédio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica. Desde então, a Igreja jamais deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal.²⁴ Por isso, o Concílio Vaticano II ratifica a liturgia como função sacerdotal de Cristo e que nela, os sinais sensíveis significam e cada um, a seu modo, opera a santificação dos homens. Na liturgia, o Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral. Além disso, o Concílio endossa que toda celebração litúrgica é ação sagrada por excelência por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, cuja eficácia de tal ação não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.²⁵

Seguindo nessa perspectiva, acerca da continuação das ações salvíficas de Cristo através do seu Corpo, ressaltamos a Igreja que continua prolongando o *mínus* sacerdotal do seu esposo, no tempo e no espaço, não apenas com a celebração da eucaristia, mas também, e especialmente, com aquele hino que se canta na celeste mansão por toda eternidade: a recitação do Ofício Divino.²⁶

Dessa maneira, não desconhecemos que a Igreja, obediente ao “proto-mandamento” (Dt 6,4-7) de escutar a voz do seu esposo, segue o preceito da oração que foi recomendada inúmeras vezes por Jesus orientando-nos a fazer o mesmo que ele fez: “Orai”, “rogai”, “pedi” (Mt 5,44; 7,7; 26,41; Mc 13,33; 14,38; Lc 6,28;

²² CELAM, Manual de Liturgia Volume II, p. 36.

²³ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 96.

²⁴ SC 6.

²⁵ SC 7.

²⁶ SC 83.

10,2; 11,9; 22,40.46) “em meu nome” (Jo 14,13 15,16.26). Na oração dominical, o Filho de Deus deixou para todos o modelo de oração (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4), e exortou-nos para a necessidade da orar (Lc 18,1). Os Apóstolos, por sua vez, apresentam-nos com frequência, em suas epístolas, fórmulas de oração, sobretudo de louvor e ação de graças, apontando-nos que o Espírito Santo é o *locus* da oração (Rm 8,15.26; 1Cor 12,3; Gl 4,6), pela mediação feita por Cristo (2Cor 1,20; Cl 3,17) oferecida ao Pai (Hb 13,15), com perseverança e assiduidade (Rm 12,12; 1Cor 7,5; Ef 6,18; Cl 4,2; 1Ts 5,17). Igualmente sublinham a eficácia da oração para alcançar a santidade (1Tm 4,5; Tg 5,15; 1Jo 3,22); exortam à oração de louvor (Ef 5,19; Hb 13,15; Ap 19,5) de ação de graças (Cl 3,17; Fl 4,6; 1Ts 5,18), de súplica (Rm 8,26; Fl 4,6) e de intercessão por todos os homens (Rm 15,30; 1Tm 2,1; Ef 6,18; 1Ts 5,25; Tg 5,14.16).²⁷

Na *história salutis*, homens piedosos de todos os tempos reconheceram a sua dependência a Deus por meio da oração. Contudo, somente quando a oração está vinculada a Cristo, nosso único mediador (Hb 8,6; 9,15), é que temos acesso ao Pai. Assim, Aquele a quem Deus constituiu sumo e eterno sacerdote, une a si todos os homens e somente nele a religião humana é capaz de alcançar o seu valor salvífico e atingir o seu fim.²⁸

Na Instrução Geral da Liturgia das Horas, acerca da Igreja que continua a oração de Cristo, diz:

Que a dignidade da oração cristã tem sua raiz na participação da piedade do Filho Unigênito para com o Pai e daquela oração que lhe dirigiu durante a sua vida terrena e que continua, agora, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um dos seus membros, em nome e pela salvação de todo o gênero humano.²⁹

A partir dessa afirmação observamos o real valor que a Igreja atribui aos Salmos por ser a oração do próprio Cristo.³⁰

²⁷ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 5.

²⁸ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 6.

²⁹ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 7.

³⁰ “(...) podemos depreender a importância que a Igreja, desde o seu nascimento, deu aos Salmos, uma vez que sempre reconheceu neles a expressão fecunda da oração do próprio Cristo; à luz do evento pós-pascal, a Igreja nascente experimentou e testificou que, na pessoa do ressuscitado, todas as palavras proféticas dos Salmos adquiriram total e pleno sentido. A propósito é o próprio Senhor que, após a ressurreição, aparece aos apóstolos reunidos e lhes diz ser preciso que se cumprisse tudo aquilo que fora dito sobre Ele na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos (Lc 24,44) SANTANA, L. F. R., A liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo, p. 20.

A *Sacrossanctum Concilium*, ao tratar do tema da presença de Cristo na sua Igreja, particularmente nas ações litúrgicas, destacou que ele está presente na celebração da missa quer na pessoa do ministro ordenado, quer nas espécies eucarísticas. Em igual modo, ele está presente na sua Palavra quando é lida a Sagrada Escritura e, também, na Igreja quando ela ora e salmodia.³¹ Diante dessa afirmação, a Instrução Geral da Liturgia das Horas nos mostra que a Igreja continua exercendo a obra sacerdotal de Jesus não somente quando ela celebra a eucaristia e os demais sacramentos, mas também todas as vezes que, salmodiando, reconhece nos poemas orantes a sua oração.³²

Nos Salmos, em oração, Jesus descobria elementos que o conduziam tanto àquela compreensão, com profundidade cada vez maior, sobre o real significado do mistério pessoal de sua identidade, como àquela progressiva imersão em sua consciência messiânica e sobre os horizontes de seu ministério, cujo ápice é a realização do perfeito dom-de-si, na experiência de sua Páscoa.³³

Ora, se na oração sálmica Jesus vai descobrindo gradativamente a compreensão da sua identidade e missão que o conduz na realização do seu amor-ágape, do mesmo modo, a Igreja, perpetuando os cânticos de louvor, e a partir deles, descobre a sua identidade e missão de continuar a obra sacerdotal do seu esposo na santificação dos homens e na “perfeita glorificação de Deus”³⁴ no Espírito Santo. Em seus comentários sobre o Ofício Divino, J. Aldazábal, referindo-se ao sacerdócio de Cristo compartilhado da Igreja, diz que se concretiza para a Liturgia das Horas o sacerdócio mediador que comporta um duplo movimento: descendente e ascendente. No primeiro realiza-se a obra de redenção e santificação; no segundo, a obra de louvor e culto a Deus.³⁵

2.2. O batizado, sacerdote da oração sálmica

Pelo batismo, todos os cristãos tornam-se participantes da tríplice missão do Filho de Deus. Conforme nos apresenta o Catecismo da Igreja, Cristo, por meio da sua obra redentora, fez da Igreja “um reino de sacerdotes para Deus seu Pai” (1Pd 2,5-9; Ap 1,6; 5,9-10) e, dessa maneira, toda a comunidade dos

³¹ SC 7.

³² SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 13.

³³ SILVA, L. C. P. S.; PEREIRA, T. M., Cristo, o orante dos salmos, p. 3.

³⁴ SC 5.

³⁵ ALDAZÁBAL, J., Comentários, p. 38.

batizados se torna uma comunidade sacerdotal na qual “os fiéis exercem o seu sacerdócio batismal através de sua participação, cada qual segundo a sua vocação própria, na missão de Cristo, sacerdote, profeta e rei”.³⁶ Ao tratar sobre a estreita relação entre o Espírito Santo e o sacramento do batismo, L. F. R. Santana assevera que a nova existência do homem nasce por meio do mergulho batismal e, através desse sinal sagrado, é aberto a ele o acesso ao plano salvífico de Deus que tem o seu núcleo e ápice no Mistério Pascal de Cristo.³⁷

O. Casel, quando trata sobre o tema do mistério do culto no cristianismo, diz que o homem transformado em um membro vivo de Cristo pela *iniciação* (Batismo e Confirmação) traz consigo a vida de Deus e, como “membro do Soberano Sacerdote Jesus Cristo, ele mesmo é um Cristo, um ungido, um sacerdote, tendo, portanto, o poder e o direito de oferecer a Deus Pai, pelo Cristo, um sacrifício de agradável odor (1Pd 2,4s)”.³⁸ Isso pode ser verificado no texto da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Nele, ao tratar sobre a Igreja como “povo de Deus” na perspectiva da nova Aliança, está explícita a participação dos batizados no Corpo Sacerdotal exercendo sua vocação oblativa.

Os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem um edifício espiritual e sacerdócio santo, a fim de que, pelas suas obras, possam oferecer sacrifícios espirituais proclamando as maravilhas daquele que os chamou das trevas para a sua luz admirável (1Pd 2,4-10). Dessa maneira, todos aqueles que se tornaram discípulos de Cristo pelo batismo, perseverando na oração e no louvor de Deus (At 2,42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstia viva, santa e agradável a Deus (Rm 12,1).³⁹

A oblação que cada cristão faz de si próprio é realizada pelo Espírito Santo que constitui em cada batizado o princípio de vida nova em Cristo e sua vocação à comunhão. Afinal, “o Espírito recebido no batismo é o Espírito da *koinonia*; ele nos põe em contato não só com o Pai e o Filho, mas também com todos os membros da Igreja”.⁴⁰ Nessa mesma linha de pensamento, a singularidade e a profunda comunhão que existe entre Cristo e aqueles que ele assume como membros de seu

³⁶ CEC 1546.

³⁷ SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 136 e 137.

³⁸ CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 32-33.

³⁹ LG 10.

⁴⁰ SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 140.

Corpo que é a Igreja,⁴¹ podemos dizer que cada homem, pela unção batismal, é sacerdote da oração sálmica. Nela e por meio dela, os membros do Corpo de Cristo exercem “sem cessar” a função sacerdotal da sua Cabeça, “oferecendo a Deus um sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que glorificam o seu nome” (Hb 13,15).⁴² Cada batizado, exercendo seu *mínus* sacerdotal, por meio da oração dos Salmos oferece num sacrifício de louvor as mesmas preces e súplicas que o Cristo expressou nos dias de sua vida mortal.⁴³

As expressões “sacrifício de louvor”, “oblação” ou também “hóstia de louvor” são nomenclaturas designadas ao louvor que a Igreja, Corpo Sacerdotal, oferece a Cristo e que ele apresenta ao Pai.⁴⁴ Segundo, D. De Reynal, a Liturgia das Horas interpreta a expressão “sacrifício de louvor”, presente em Hb 13,15,⁴⁵ no mínimo em dois momentos,⁴⁶ a saber: no Sl 50,21; “E aceitareis o verdadeiro sacrifício, os holocaustos e oblações em vosso altar”. À luz de Cristo, esse versículo sálmico alude ao seu sacrifício redentor em torno do qual o nosso “sacrifício de louvor” se une a ele; e, também, no Sl 49,14.23: “Imola a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os votos que fizestes ao Altíssimo. Quem me oferece um sacrifício de louvor, este sim, é que me honra de verdade”. Nesse contexto, isto é, sobre a Oração das Horas como “sacrifício de louvor”, D. De Reynal continua:

A Liturgia das Horas, em especial na quaresma, ajuda-nos a fazer da nossa rotina diária um sacrifício de louvor, consagrando o nosso dia a Deus. Pelo batismo, recebemos o dom do sacerdócio real. Ficamos habilitados a oferecer este ‘sacrifício’ na alegria, não de tempos em tempos, mas continuamente.⁴⁷

É importante ressaltar que, no texto da Instrução Geral da Liturgia das Horas, está clara que a finalidade da oração dos Salmos é “consagrar, pelo louvor a Deus, todo o curso diário e noturno do tempo”.⁴⁸ Nessa dinâmica, cada

⁴¹ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 7.

⁴² SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 15.

⁴³ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 17.

⁴⁴ REYNAL, D. D., Teologia da Liturgia das Horas, p. 39.

⁴⁵ “Por ele, oferecemos a toda hora um sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o seu nome”.

⁴⁶ REYNAL, D. D., Teologia da Liturgia das Horas, p. 40.

⁴⁷ REYNAL, D. D., Teologia da Liturgia das Horas, p. 40.

⁴⁸ SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 10-11.

batizado, ao longo do dia e da noite, santifica as atividades, por ele realizadas, executando o seu sacrifício na oração dos Salmos.

Se na Antiga Aliança e no tempo de Jesus, "(...) a oração cultural do povo de Israel - a oração da Horas no templo e nas sinagogas - se fundamenta essencialmente sobre o uso de se oferecer os holocaustos cotidiano",⁴⁹ agora, através da oração dos Salmos, cada membro do Corpo de Cristo, em *koinonia* com a sua Cabeça, se oferece a si mesmo como sacerdote da oração sálmica. Jesus, o Filho de Deus, no sacrifício da cruz, dialogando em oração com seu Pai⁵⁰ como sacerdote e vítima, realiza a obra de salvação do gênero humano. Na Liturgia das Horas, cada cristão, ao rezar os poemas orantes, mantém um fecundo intercâmbio de louvor e intercessão ao Pai, por meio de Cristo, no Espírito, pela redenção dos homens. Seguindo nessa linha de raciocínio, cada batizado, na oração dos Salmos, oferta a Deus todo o cosmo. Por esse motivo, aquele que recebeu a unção do Espírito pelo batismo, na Oração das Horas, além de ser sacerdote da oração sálmica, é também sacerdote da criação.

Conforme diz o apóstolo dos gentios, "sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente" (Rm 8,22). Nesse contexto, I. Zizioulas observa que todo o universo é uma liturgia cósmica que eleva toda a criação.⁵¹ Esta, por sua vez, está definitivamente sujeita ao homem e, não podendo superar os seus próprios limites, encontra-se em estado de mortalidade. No entanto, isso pode ser evitado se o homem agir como sacerdote da criação. Afinal, "toda criação é, de certa forma, sacramento de Deus, porque no-lo revela".⁵²

O ser pessoa exige constantemente dos seres humanos que cuidem da criação como uma realidade destinada por Deus não só para sobreviver, mas também para atingir a "plenitude" nas mãos, e através das mãos do homem.⁵³

I. Zizioulas, afirma que cada ser humano é capaz de desempenhar a missão de ligação entre Deus e a criação. Diz, ainda, que cada vez que se oferta o mundo elevando-o a Deus como sua propriedade o homem exerce a sua vocação sacerdotal:

⁴⁹ PINELL, J., Liturgia Delle Ore, p. 20.

⁵⁰ "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes" (Sl 21[22],2), "Em vossa mãos, Senhor, entrego o meu espírito" (Sl 30[31],6).

⁵¹ ZIZIOULAS, I., A Criação como Eucaristia, p. 79.

⁵² DP 920.

⁵³ ZIZIOULAS, I., A Criação como Eucaristia, p. 75.

Esta é a base daquilo que chamamos de *sacerdócio do homem*: Tomando o mundo em suas mãos, integrando-o criativamente e referindo-o a Deus, o homem liberta a criação de seus limites e faz com que exista em plenitude.⁵⁴

Diante do problema ecológico, realidade que diz respeito a todos os homens em nível mundial, o Papa Francisco, na Carta Encíclica *Laudato Si'*, no capítulo que trata sobre o Evangelho da criação, recorda aos homens a relação dos poemas orantes com todo o cosmos: “Os salmos convidam, frequentemente, o ser humano a louvar a Deus criador: ‘Firmou a terra sobre as águas, pois eterno é seu amor’ (Sl 136[135],6)”.⁵⁵ Além disso, também traz à lembrança de que todas as criaturas são convidadas a louvá-lo: “Louvai-o, sol e lua; louvai-o vós todas, estrelas brilhantes. Louvai-o, céus dos céus, e vós, águas de cima dos céus. Louvem o nome do Senhor, porque ele mandou e foram criados” (Sl 148.3-5). “Existimos não só pelo poder de Deus, mas também na sua presença e companhia. Por isso o adoramos”.⁵⁶

Na oração do Ofício Divino, o batizado, sacerdote dos poemas orantes e de toda a criação, na pessoa de Cristo Cabeça, oferece a Deus toda a realidade cósmica que “geme e sofre as dores de parto” (Rm 8,22). Assim, os Salmos, como um sacrifício anafórico, tornam-se “remédio de eternidade” que santifica o homem e o mundo e, por meio de cada epiclese sálmica, toda a criação, libertada de seus limites naturais, pelo Filho, no Espírito, ao Pai, transforma-se numa realidade “doxologizada”.

Conclusão

Se por um lado o Concílio Vaticano II destacou a dimensão litúrgica da redenção realizada por Cristo em sua morte e ressurreição, por outro, não desconhecemos que também destacou a modalidade sacramental da qual se completa a obra salvífica,⁵⁷ de modo excelente, por meio da Liturgia das Horas. Nela, testificamos a oração pela qual a voz da Esposa dialoga com o seu Esposo, e também “a oração que o Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai”.⁵⁸ Uma vez que a Oração dos Salmos é compreendida como o *locus* em que atua o “Cristo total” (Cabeça e

⁵⁴ ZIZIOULAS, I., A Criação como Eucaristia, p. 75.

⁵⁵ LS 72.

⁵⁶ LS 72.

⁵⁷ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 94.

⁵⁸ SC 84.

Corpo), há, também, razão para compreender que os batizados — sacerdotes da oração sálmica — cantando os divinos louvores por intermédio da Liturgia das Horas, continuam com toda a Igreja a obra sacerdotal do seu Senhor.

Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, J. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas**. Comentários. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.

CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. **Documento de Puebla**. Conclusões da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Texto Oficial Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

CELAM. **Manual de Liturgia II**: A celebração do Mistério Pascal, fundamentos teológicos e elementos constitutivos. CELAM. São Paulo: Paulus, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*** sobre a sagrada liturgia. Santa Sé. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 13 de dez. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium*** sobre a Igreja. Santa Sé. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 06 de jan. 2021.

DE REYNAL, D. **Teologia da liturgia das horas**. São Paulo: Paulinas, 1981.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Edições Loyola / Paulinas, 2007.

DI SANTE, C. **Liturgia Judaica**: fontes, estruturas, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

FINELON, V. G. **Teologia do Mistério**: Aspectos bíblico-patristicos e teológico-litúrgicos. Rio de Janeiro, 2013. 166p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FRANCISCO, PP. **Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

MARTÍN, J. L. **A liturgia da Igreja**. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULO VI, PP. **Constituição Apostólica *Laudis Canticum***. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/es/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19701101_laudis-canticum.html. Acesso em: 27 de nov. 2020.

PINELL, J. **Liturgia Delle Ore**. Anàmnesis v.5. Genova: Marietti, 2007.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica *Mediator Dei* sobre a Sagrada Liturgia**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acesso em: 30 de nov. 2020.

SACRA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTANA, L. F. R. **A liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001.

SANTANA, L. F. R. **Liturgia no Espírito**. Rio de Janeiro: PUC Rio / São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

SILVA, L. C. P. S.; PEREIRA, T. M. **Cristo, o orante dos salmos**. Texto apresentado no seminário da disciplina TEO 2286 Questões Especiais de Teologia Litúrgica na PUC-Rio em 28.09.2020.

ZIZIOULAS, I. **A criação como Eucaristia**: proposta teológica aos problemas da ecologia. São Paulo: Mundo e Missão, 2001

Eufrázio Luiz Morais da Silva

Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: eufraziolms@gmail.com

Recebido em: 09/04/2021
Aprovado em: 10/12/2021